

Porque São Tão Pouco Altruístas as Crianças Pré-Escolares?

Considerações Teóricas, Dados Empíricos, Implicações Educacionais (*)

ORLANDO M. LOURENÇO (**)

Há hoje alargado consenso em se aceitar que a moralidade pelo lado da justiça (Kohlberg, 1984) e a moralidade pelo lado do cuidado ou benevolência (Gilligan, 1982) constituem aspectos centrais do desenvolvimento sócio-cognitivo. Sendo assim, a promoção do desenvolvimento moral e pró-social aparecem como objectivos nobres da educação na escola como na comunidade (Power, Higgins & Kohlberg, 1989; Schwebel, Maher & Fagley, 1990).

Certamente que há modos diversos de contribuir para a promoção do desenvolvimento moral e pró-social na criança. Um deles consiste em fazer pesquisa fundamental nesses domínios, isto é, propor novas ideias capazes de fazerem

avancar a nossa compreensão dos processos psicológicos possivelmente envolvidos no desenvolvimento de um como de outro. A comunicação que vou fazer neste II Seminário Nacional dedicado à análise das componentes psicológicas envolvidas na Educação visa exactamente apresentar-lhes uma ideia que venho defendendo há já alguns anos (Lourenço, 1987, 1989, 1990, 1990a, 1990b), ideia que procura compreender o desenvolvimento da conduta altruísta ou pró-social na criança segundo uma perspectiva que, quanto sabemos, *nunca* tinha sido proposta. Espero, assim, integrar-me, operativamente, na celebração do 30º Aniversário da Declaração dos Direitos da Criança, do 10º Aniversário da morte de quem mais a estudou, Jean Piaget, e na realização deste Encontro numa Universidade onde ensinei durante dois anos.

Duas pequenas notas antes de começar, propriamente. Embora os dados empíricos que vou apresentar se refiram à conduta altruísta da criança pré-escolar (5-6 anos), são talvez susceptíveis de aplicação à conduta pró-social de crianças mais velhas e adolescentes. Eis a segunda: embora os nossos dados sejam de pesquisa básica, são talvez susceptíveis de alguma aplicação na promoção do desenvolvimento pró-social e,

(*) Expressamos aqui o nosso agradecimento às crianças, professoras e Direcção do Colégio Valssassina, Lisboa, pela colaboração prestada.

Porções deste artigo foram apresentadas ao II Seminário Nacional: A Componente de Psicologia na Formação de Professores e Outros Agentes Educativos, realizado na Universidade de Évora, 27-29 de Setembro, 1990.

Toda a correspondência referente a este artigo deve ser endereçada a Orlando M. Lourenço, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Alameda da Universidade, 1600 Lisboa, Portugal.

(**) Professor da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

portanto, de algum valor educacional.

A partir da década de 70, a conduta altruísta tem sido objecto de crescente pesquisa nos meios psicológicos (Eisenberg, 1986; Lourenço, 1988). Um dos factos mais robustos na investigação realizada é que «o altruísmo aumenta com a idade» (Krebs, 1970, p. 290), ou seja, que «as crianças mais velhas repartem mais, e mais generosamente, que as mais jovens» (Underwood & Moore, 1982, p. 27).

Até aqui têm sido propostas hipóteses diversas para o aumento do altruísmo com a idade e, portanto, para o diminuto altruísmo da criança pré-escolar quando comparada com as mais velhas (ver Bryan, 1975). Do nosso ponto de vista, o diminuto altruísmo da jovem criança pode ser conceptualizado segundo uma perspectiva teórica que integra dois modelos utilizados sucessivamente por Piaget na descrição da passagem do pensamento centrado ou pré-operatório ao pensamento reversível ou operatório. Um desses modelos inspira-se na *teoria de jogos* e envolve uma avaliação de custos e ganhos (Piaget, 1957); o outro baseia-se na *teoria da equilíbrio* e, portanto, no primado da afirmação (i.e., percepção) sobre a negação (i.e., inferência) antes da criança atingir o equilíbrio compensatório característico da lógica operatória (Piaget, 1974, 1975). De modo mais preciso, Piaget, em 1957, sustentou que os juízos da jovem criança envolvem, geralmente, pouco custo (i.e., são muito simples), mas também pouco ganho (i.e., levam a asserções incorrectas e contraditórias); os das crianças mais velhas, ao invés, envolvem maiores custos (i.e., mais complexidade), mas também maiores ganhos (i.e., mais rigor e objectividade). Alguns anos depois, Piaget (1974) clamou que os juízos incorrectos das crianças pré-escolares (até aos 5-6 anos, em média) devem-se fundamentalmente ao triunfo que as afirmações têm sobre as negações no seu pensamento relativamente egocêntrico. Mais ainda, este desequilíbrio inicial entre afirmações e negações, tendo as primeiras mais peso que as segundas, deve-se ao facto «das características positivas dos objectos ou acções serem dadas directamente, enquanto observáveis, implicando as negativas, em graus diversos, mecanismos inferenciais relacionados com os resultados possíveis da acção, as propriedades antecipadas

do objecto, ou as oposições em relação a outros objectos» (p. 17).

A meu ver, a integração destes dois micromodelos Piagetianos constitui um quadro teórico, porventura tão heurístico como os propostos até agora, susceptível de explicar o desenvolvimento do altruísmo na criança. Designamo-lo por *hipótese da percepção de custos/construção de ganhos*. A asserção central de tal hipótese é que o desenvolvimento do altruísmo na criança anda associado à sua crescente competência para interpretar os actos pró-sociais (i.e., dar, repartir, ajudar, confortar, etc.) em termos de ganho mais do que em termos de custo. Com efeito, o aspecto custo envolvido em qualquer acto altruísta parece ser a sua característica mais directa, saliente, *figurativa* e afirmativa. O seu aspecto ganho, ao contrário, parece ser a sua característica mais inferencial, adiada, *operativa* e negativa. Por outras palavras, ao observável da *percepção de custos*, contrapõe-se o antecipável da *construção de ganhos*. Em síntese, na nossa perspectiva teórica, o pouco altruísmo da jovem criança anda associado à sua tendência para se centrar nos custos que o acto altruísta sempre envolve e, portanto, à sua relativa incapacidade de construir ganhos em actos onde a dimensão custo parece ser directa, perceptiva, *pregnante*.

Dados transversais, longitudinais e correlacionais de estudos que efectuámos (Lourenço, 1989, 1990, 1990a, 1990b) são favoráveis à nossa conceptualização. Em síntese, esses estudos têm mostrado a) que as crianças, com a idade, vão sendo cada vez mais competentes para interpretar os actos altruístas em termos de ganho e não em termos de custo; b) que essa competência evolui de modo desenvolvimentista, isto é, na direcção de níveis mais elevados e praticamente sem regressão; e c) que essa competência correlaciona moderadamente com o nível de pensamento negativo em provas Piagetianas de afirmação/negação, por um lado, e com o nível de altruísmo observado, por outro.

A investigação que agora apresentamos constitui um passo adicional na afirmação da perspectiva teórica que esboçámos, e um passo inicial na direcção de possíveis implicações dessa perspectiva na promoção do desenvolvimento pró-social da criança. Nos estudos anteriores,

o que designamos por percepção de custos/ /construção de ganhos na interpretação de dilemas pró-sociais tem sido avaliado com a utilização de uma única história, apelando, por sua vez, para modalidades de conduta pró-sociais como dar ou confortar. Na presente investigação, obtivemos uma medida compósita de percepção de custos/construção de ganhos. De modo mais preciso, a) apresentámos às crianças quatro dilemas pró-sociais envolvendo as modalidades mais frequentes da conduta altruísta (repartir, dar, ajudar, confortar); b) avaliámos a sua competência para perceber custos/construir ganhos nesses dilemas; c) correlacionámos a competência das crianças para construir ganhos nesses dilemas com o nível de altruísmo por elas exibido numa situação de dádiva anónima; e d) correlacionámos tal competência com o conteúdo do raciocínio pró-social das crianças (i.e., com a sua opção pela alternativa altruísta ou egoísta na solução dos dilemas pró-sociais apresentados).

METODOLOGIA

Sujeitos

Neste estudo participaram 30 crianças com idades compreendidas entre os 5 anos, 6 meses e os 6 anos, 4 meses, sendo a sua média de idades de 5.90. Havia aproximadamente igual número de meninos e meninas. As crianças frequentavam o ensino pré-primário numa escola privada da área de Lisboa, e provinham, maioritariamente, de famílias da classe média-alta.

Material e procedimento

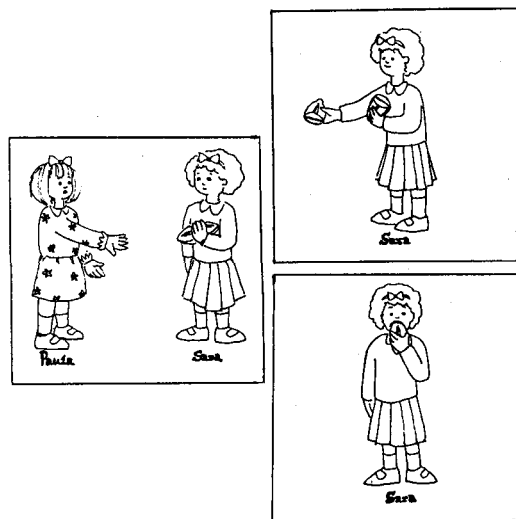
As crianças foram entrevistadas individualmente por um experimentador adulto (o autor deste trabalho) num gabinete da escola que frequentavam. Depois de uma fase de relacionamento, o experimentador apresentava-lhes, um a um, quatro dilemas pró-sociais, envolvendo, respectivamente, as modalidades fundamentais da conduta altruísta: repartir, dar, ajudar, confortar. Por exemplo, as crianças foram confrontadas com o seguinte

dilema pró-social (repartir, versão feminina):

«Esta é a Paula. É uma menina da tua idade que anda na escola. Um dia, tinha fome, queria lanchar, mas não tinha lanche, nem dinheiro para o comprar. Então pediu à Sara que repartisse o seu bolo com ela. Mas a Sara tinha muita fome e só tinha esse bolo para o lanche. Se o repartisse com a Paula, só poderia comer metade e ficaria com fome.»

FIGURA 1

Desenhos para ilustrar um dilema pró-social (repartir, versão feminina)



As histórias foram ilustradas pictoricamente (ver fig. 1), e rodada a sua ordem de apresentação. Como se pode ver pelo exemplo dado, cada história (dilema) descrevia um potencial receptor (i.e., alguém em necessidade) e um potencial doador (i.e., alguém que podia ser altruísta). Se escolhesse ser altruísta, o potencial doador teria de sacrificar os seus desejos, necessidades ou interesses às necessidades do potencial receptor. Descrita cada história e controlada a sua compreensão pela criança, eram-lhe colocadas as seguintes perguntas, por esta ordem:

- 1) O que achas que vai fazer o _____ (potencial doador): Isto (alternativa altruísta) ou aquilo (alternativa egoísta), e porquê?

- 2) Onde achas que o _____ (potencial doador) se sente mais feliz e contente: Aqui (alternativa altruísta) ou ali (alternativa egoísta), e porquê?
- 3) Onde achas que o _____ (potencial doador) ganha mais: Aqui (alternativa altruísta) ou ali (alternativa egoísta), e porquê?

Em cada pergunta, as duas alternativas eram apresentadas pictoricamente, e rodada a sua ordem de apresentação (ver fig. 1).

Depois de responder às perguntas, a criança era colocada numa situação de dádiva anónima. Assim: eram-lhe oferecidas 6 gomas (formato ursinhos e de várias cores) como recompensa pela sua participação no estudo. Era-lhe dito depois que, se ela quisesse, poderia depositar numa caixa então preparada, todas, algumas ou nenhuma das gomas que tinha recebido. Seriam gomas para oferecer aos meninos e meninas da escola que não puderam participar no estudo. Era-lhe dito também que ninguém saberia quantas gomas ela tinha depositado: a caixa só seria aberta no fim do estudo, e o experimentador deixava a criança sozinha no gabinete de modo a ela poder agir como quisesse (i.e., depositar ou não gomas na caixa). Quando a criança abandonava o gabinete, o experimentador determinava o número de gomas que a criança tinha deixado na «caixa do altruísmo».

Codificação de variáveis

A primeira pergunta colocada às crianças destinava-se a avaliar o conteúdo do seu raciocínio pró-social (i.e., o curso de acção que ela antecipava para o potencial doador: alternativa altruísta ou egoísta). A cada criança foi atribuído um *score* respeitante ao conteúdo do seu raciocínio pró-social. Tal *score* era baseado numa escala de 5 pontos (0=nenhuma opção pelo valor altruísmo na antecipação do curso de acção do potencial doador; 4=opção pelo valor altruísmo nos quatro dilemas apresentados).

A segunda e terceira perguntas eram destinadas a avaliar a percepção de custos/construção de ganhos da criança. Na pergunta 2, essa avaliação era feita de modo indirecto; na pergunta 3, de modo directo.

Sempre que a criança optava pela alternativa egoísta, a sua resposta era considerada de *percepção de custos*; quando optava pela alternativa altruísta, a sua resposta era considerada de *construção de ganhos*. A cada criança era também atribuído um *score* de construção de ganhos, baseado numa escala de 9 pontos (0=nenhuma opção pela alternativa altruísta nos oito itens para avaliar a percepção de custos/construção de ganhos — dois itens por dilema; 8=opção pela alternativa altruísta nos oito itens referidos).

Na situação de oportunidade de dádiva anónima, as crianças eram consideradas altruístas ou não altruístas conforme depositassem ou não algumas gomas na caixa de altruísmo. Quando eram altruístas, determinava-se o número de gomas que tinham depositado na caixa.

As justificações solicitadas às crianças foram apenas utilizadas como critério de controlo das suas respostas às perguntas formuladas, não tendo pois sido objecto de análise separada.

RESULTADOS

Percepção de custos/construção de ganhos

A Tabela 1 apresenta a frequência das respostas de percepção de custos/construção de ganhos em cada um dos dilemas pró-sociais, aparecendo separadas as respostas de avaliação indirecta (pergunta 2) e de avaliação directa (pergunta 3).

O exame da Tabela 1 mostra que a opção pela percepção de custos ultrapassa bastante a opção pela construção de ganhos. Mais exactamente, essa opção é de 67.5% (média global), percentagem significativamente elevada como revelado pelo teste do significado de uma única proporção, $z = +1.98$, $p < .05$.

Na avaliação directa de percepção de custos/construção de ganhos, a opção pela percepção de custos é significativamente elevada em todos os dilemas apresentados: repartir ($z = +2.56$, $p < .05$), dar ($z = +3.62$, $p < .01$), ajudar ($z = +2.19$, $p < .05$), e confortar ($z = +2.85$, $p < .01$). Na avaliação indirecta, a percepção de custos ultrapassa a construção de ganhos em três dos quatro dilemas, com valor

TABELA 1

Frequência de percepção de custos/construção de ganhos por dilema e tipo de avaliação

TIPO DE RESPOSTA:	DILEMAS PRÓ-SOCIAIS			
	REPARTIR	DAR	AJUDAR	CONFORTAR
DIRECTA:				
PERCEPÇÃO DE CUSTOS	22	25	21	23
CONSTRUÇÃO DE GANHOS	8	5	9	7
INDIRECTA:				
PERCEPÇÃO DE CUSTOS	17	19	12	23
CONSTRUÇÃO DE GANHOS	13	11	18	7

Nota: Cada célula podia variar entre 0—30 (N=30)

TABELA 2

Número de crianças altruístas, egoístas, scores de construção de ganho e scores do conteúdo de raciocínio pró-social

TIPO DE c) CRIANÇA:	GANHO a)			RACIOCÍNIO PRÓ-SOCIAL b)		
	SCORE BAIXO	SCORE MÉDIO	SCORE ALTO	SCORE BAIXO	SCORE MÉDIO	SCORE ALTO
ALTRUÍSTAS (9)	2	5	2	2	2	5
EGOÍSTAS (21)	14	5	2	10	6	5

a) Scores entre 0—8 (Baixo: 0—2; Médio: 3—5; Alto: 6—8)

b) Scores entre 0—4 (Baixo: 0—1; Médio: 2; Alto: 3—4)

c) Crianças Altruístas: se davam ao menos 1 goma

Crianças Egoístas: não davam nenhuma goma

significativo no dilema referente ao confortar, $z = +2.85$, $p < .01$. No único caso em que a construção de ganhos é mais frequente que a percepção de custos (ajudar), o valor não é significativo, $z = +1.09$, $p < .05$.

Altruísmo das crianças

A Tabela 2 apresenta a frequência das crianças altruístas e egoístas bem como dos seus scores de construção de ganho e de conteúdo

do raciocínio pró-social. O exame da Tabela 2 mostra que das 30 crianças envolvidas, 21 (70%) foram não altruístas, proporção significativamente elevada pelo teste do significado de uma única proporção, $z = +2.19$, $p < .05$. O diminuto altruísmo das crianças na situação de dádiva anónima é ainda atestado pelo facto de 8 das 9 crianças altruístas terem apenas depositado uma goma cada uma na caixa de altruísmo, tendo a restante criança depositado duas gomas.

Relação entre construção de ganhos, conduta altruísta e conteúdo de raciocínio pró-social

Uma correlação não paramétrica (rho de Spearman com correcção para postos empatados) revelou uma associação positiva moderada entre a competência de construção de ganhos da criança e o seu efectivo altruísmo na situação de dádiva anónima, $\rho = .364$, $p < .05$ (probabilidade unilateral). O mesmo teste estatístico mostrou também uma relação positiva entre o *score* de construção de ganhos das crianças e o *score* do conteúdo do seu raciocínio pró-social, $\rho = .75$, $p < .01$ (probabilidade unilateral).

Em síntese, as crianças que mais construíram ganho foram as que tenderam a ser altruístas, por um lado, e a optar pelo valor altruísmo na antecipação do curso de acção do potencial doador, por outro.

DISCUSSÃO

Este trabalho visou obter dados empíricos que pudessem fortalecer ou não a explicação que temos vindo a propor para o aumento do altruísmo com a idade e, portanto, para a diminuta conduta pró-social da criança pré-escolar quando comparada com as crianças mais velhas (Lourenço, 1987, 1989, 1990, 1990a, 1990b). Isto é, dados que pudessem fortalecer ou não a explicação do desenvolvimento do altruísmo na criança através da integração de dois modelos utilizados sucessivamente por Piaget na descrição da passagem do pensamento centrado ou pré-operatório ao pensamento reversível ou operatório. Mais concretamente, através da integração de um micromodelo

inspirado na teoria de jogos e envolvendo, pois, uma avaliação de custos e ganhos (ver Piaget, 1957), e de um micromodelo baseado na teoria da equilíbrio e, portanto, no triunfo inicial da afirmação sobre a negação (ver Piaget, 1974). Uma primeira reflexão sobre as (possíveis) implicações de tal conceptualização na promoção do desenvolvimento pró-social da criança era também um objectivo pretendido neste estudo.

Do ponto de vista empírico, este estudo procurou: a) avaliar a percepção de custos/construção de ganhos de crianças pré-escolares em dilemas pró-sociais apelando para as modalidades mais frequentes da conduta altruísta (repartir, dar, ajudar, confortar); b) relacionar a competência da criança para construir ganhos nesses actos pró-sociais com o seu efectivo altruísmo numa situação de dádiva anónima; e c) relacionar tal competência com o conteúdo do raciocínio pró-social da criança nesses mesmos dilemas (i.e., a sua opção em tais dilemas pelo valor altruísmo ou pelo «valor» egoísmo).

Os resultados obtidos parecem fortalecer a nossa perspectiva teórica. De facto, eles mostram a) que nessa faixa etária a percepção de custos na interpretação de actos pró-sociais tende a sobrepor-se à construção de ganhos; b) que a competência de construção de ganhos nessas modalidades se associa, moderadamente, ao efectivo altruísmo da criança, por um lado, e mais fortemente ao conteúdo do seu raciocínio pró-social, por outro.

Embora estes dados repliquem estudos anteriores (Lourenço, 1989, 1990, 1990b), a sua interpretação deve ser cautelosa e prudente. Em primeiro lugar, porque a conduta altruísta é geralmente reconhecida como multidimensional, isto é, controlada por dimensões diversas (Hampson, 1981). Por tal razão, e também pelo facto da correlação entre a construção de ganhos da criança e o seu efectivo altruísmo ter sido apenas moderada, embora significativa, não se pode clamar que a percepção de custos/construção de ganhos é das dimensões que mais controlam a conduta altruísta da criança. Em segundo lugar, deve também referir-se que a medida de conduta pró-social utilizada neste estudo foi obtida em situação experimental e, portanto, levantando problemas de validade

ecológica. Em terceiro lugar, devemos mencionar que embora neste estudo a tendência da criança pré-escolar para perceber custos ultrapasse a sua tendência para construir ganhos (o que tem sido também verificado em estudos anteriores), tal supremacia foi menos acentuada que em estudos prévios. Como já foi referido, neste estudo, utilizámos, pela primeira vez, mais do que uma modalidade de conflito pró-social (quatro, na realidade). Mas tal supremacia foi sempre evidente quando percepção de custos/construção de ganhos foram avaliadas de modo directo. Tudo isto parece significar que a percepção de custos/construção de ganhos, revestindo embora um cunho epistémico, reveste também uma matriz contingencial, o que não é aliás de surpreender. O presente estudo parece indicar também que a avaliação directa da percepção de custos/construção de ganhos representa uma metodologia mais consistente que a sua avaliação indirecta. Reconhecemos finalmente que os dados obtidos neste estudo são talvez explicáveis dentro de outros quadros teóricos que têm sido propostos para a compreensão do aumento do altruísmo com a idade (abordagem normativa, hipótese da conduta «inibida», perspectiva cognitivo-desenvolvimentista, modelo de custo-recompensa, ver Bryan, 1975; Lourenço, 1990). Nunca clamámos aliás que as outras abordagens estão «erradas», e que a nossa é a mais «correcta». É também uma questão altamente controvertida o problema dos critérios que validam ou não hipóteses teóricas avançadas para a explicação dos fenómenos observados (ver Manicas & Secord, 1983, por exemplo).

Seja como for, os dados obtidos nesta investigação apoiam a possibilidade de se interpretar o aumento do altruísmo com a idade como traduzindo uma progressiva competência da criança para coordenar acções que envolvem pouco custo, mas também pouco ganho (i.e., percepção de custos), e acções que envolvem maior custo, mas também maior ganho (i.e., construção de ganhos).

Que implicações educacionais destes dados e desta conceptualização? Susceptíveis de aplicação na promoção do desenvolvimento pró-social da criança? Não temos nada de sonoro a propor, infelizmente. Um caso individual, contudo, despertou a nossa atenção. No

decorrer da obtenção dos dados, fomos surpreendidos pela elevadíssima centração de uma criança na percepção de custos e, correlativamente, pela sua nula capacidade de construir ganhos na solução altruísta dos dilemas pró-sociais que lhe foram apresentados. Além dessa criança optar, repentina e consistentemente, pela opção egoísta na solução de todos esses dilemas, justificava as suas opções pelo apelo, quase patético, aos custos envolvidos caso o potencial doador seguisse o curso altruísta. Dizia, por exemplo, no dilema do potencial doador entre comer todo o lanche ou sacrificar metade a favor do potencial receptor, que ele (potencial doador) «ganha mais quando come todo em vez de dar metade». Porquê (perguntava o experimentador)? «Porque tem tudo em vez de ser metade. Deve comê-lo todo sozinho». Porquê? «Porque é boa ideia e come o bolo todo. Ali o Pedro [potencial receptor em necessidade e pedindo metade do bolo ao potencial doador] é mal educado». Porquê? «Porque estava a pedir». Isto é, esta criança, para além de ser incapaz de construir qualquer ganho (material, psicológico ou moral) na solução altruísta deste como dos outros dilemas pró-sociais apresentados, conceptualizava até o pedir ajuda como um acto de má educação, já que podia envolver custos para o doador. Todo o protocolo desta criança parece evidenciar esta leitura. Antes de a ter colocado na situação de dádiva anónima disse para comigo: — se ela depositar alguma goma na caixa, o meu modelo teórico, por interessante que seja, é concerteza falacioso. Simpaticamente, a criança não «quis» perturbar as minhas ideias e não depositou nenhuma goma!... Mais, nem sequer quis ter oportunidade de dádiva, isto é, logo disse, quando lhe explicava como poderia oferecer algumas gomas para os meninos da escola que não tinham participado no estudo, que não queria dar nenhuma. Não foi pois com grande surpresa que, no final do meu estudo, fui abordado pela sua educadora de infância solicitando-me ajuda para o menino _____. Era um caso deveras difícil na classe, no recreio, na escola: altamente agressivo com os companheiros, sendo as queixas contra ele muitíssimas. O problema já vinha de anos anteriores. O seu comportamento era tão

perturbador que tinha sido necessário avisar seriamente a mãe, havendo um psicólogo clínico que se ocupava, em clínica privada, da criança.

Pensei então que naquela criança talvez estivesse faltando uma competência mínima para construir ganho em actos onde os custos são pregnantos, e que a promoção de tal competência por conflito sócio-cognitivo em situações dilemáticas e reais poderia ser um modo não doutrinário de lidar com a sua agressividade. Discuti aliás o caso da criança com a psicóloga clínica, a sua educadora de infância, e a psicóloga do Colégio.

Parece-me que este caso semiclínico sugere algumas possibilidades educacionais da nossa conceptualização do aumento do altruísmo com a idade. A Maria José Martins está realizando uma investigação neste sentido.

De um ponto de vista social, o valor do altruísmo parece inquestionável. Cada vez mais. Acresce ainda a evidência, em vários estudos (Lourenço, 1988; Mussen & Eisenberg-Berg, 1977; Rushton, 1980) que as crianças altruístas são mais emocionalmente estáveis, autoconfiantes e populares que as menos altruístas. É para nós motivo de satisfação antever que a conceptualização que temos vindo a propor para o aumento do altruísmo com a idade pode ter alguma funcionalidade ao serviço do que Carol Gilligan (1982) tem chamado de ética do cuidado, da benevolência e da conexão.

REFERÊNCIAS

- Bryan, J. (1975). Children's cooperation and helping behaviors. In *Review of Child Development* (Vol. 5) (E. Hetherington, Ed.), Chicago: University of Chicago Press.
- Eisenberg, N. (1986). *Altruistic emotion, cognition and behavior*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Gilligan, C. (1982). *In a different voice: Psychological theory and women's development*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.
- Hampson, R. (1981). Helping behavior in children: A person-situation model. *Developmental Review*, 1: 93-112.
- Kohlberg, L. (1984). *Essays on moral development. Vol. 2: The psychology of moral development*. San Francisco: Harper & Row.
- Krebs, D. (1970). Altruism: An examination of the concept and a review of the literature. *Psychological Bulletin*, 73: 258-302.
- Lourenço, O. (1987). *De l'affirmation à la négation: Une approche Piagetienne pour le développement du comportement altruiste*. Investigação apresentada ao 9º Curso Avançado da Fundação Arquivos Jean Piaget, Genève, 23-27 de Setembro.
- Lourenço, O. (1988). *Altruísmo: Generosidade ou competência sócio-cognitiva?*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Lourenço, O. (1989). Da afirmação à negação: Uma abordagem Piagetiana para o desenvolvimento do comportamento altruísta. *Revista Portuguesa de Psicologia*, 25: 31-44.
- Lourenço, O. (1990). From cost-perception to gain-construction: Toward a Piagetian explanation of the development of altruism in children. *International Journal of Behavioral Development*, 13: 119-132.
- Lourenço, O. (1990a). *The development of altruism in children: The force of «negative» thinking*. Investigação apresentada à 4ª Conferência Europeia sobre Psicologia do Desenvolvimento, Stirling (Escócia), 27-31 Agosto.
- Lourenço, O. (1990b). *Some Piagetian insights into children's development of altruism*. Investigação apresentada ao 11º Curso Avançado da Fundação Arquivos Jean Piaget, Genève, 10-14 de Setembro.
- Manicas, P. & Secord, P. (1983). Implications for psychology of the new philosophy of science. *American Psychologist*, 38: 399-413.
- Mussen, P. & Eisenberg-Berg, N. (1977). *Caring, sharing, and helping: The roots of prosocial behavior in children*. San Francisco: Freeman.
- Piaget, J. (1957). *Logique et équilibre*. Paris: P.U.F.
- Piaget, J. (1974). *Recherches sur la contradiction. Vol. 2: Les relations entre affirmations et négations*. Paris: P.U.F.
- Piaget, J. (1975). *L'équilibration des structures cognitives: Le problème central du développement*. Paris: P.U.F.
- Power, F., Higgins, A. & Kohlberg, L. (1989). *Lawrence Kohlberg's approach to moral education*. New York: Columbia University Press.
- Rushton, J. (1980). *Altruism, socialization, and society*. New Jersey: Prentice-Hall.
- Schwebel, M., Maher, C. & Fagley, N. (1990). *Promoting cognitive growth over the life span*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Underwood, B. & Moore, B. (1982). The generality of altruism in children. In *The development of prosocial behavior* (N. Eisenberg, Ed.), New York: Academic Press.

RESUMO

Este estudo fornece dados empíricos que fortalecem

a perspectiva teórica que procura explicar o desenvolvimento do altruísmo com a idade e, portanto, o diminuto altruísmo das jovens crianças, pela integração de dois modelos utilizados sucessivamente por Piaget na descrição da passagem do pensamento pré-operatório ao pensamento operatório. Trinta crianças de 5-6 anos foram confrontadas com quatro dilemas pró-sociais envolvendo modalidades fundamentais da conduta altruísta (repartir, dar, ajudar, confortar), avaliadas na sua competência para interpretar esses dilemas em termos de percepção de custos/construção de ganhos, e colocadas finalmente numa situação de dádiva anónima. Consistentes com a conceptualização proposta, os resultados mostram a) que nessa idade a percepção de custos é dominante em relação à construção de ganhos, b) que a competência para construir ganhos em actos pró-sociais se associa moderadamente ao nível de altruísmo das crianças, por um lado, e ao conteúdo do seu raciocínio pró-social, por outro.

ABSTRACT

In this study we claim that young children's little altruism may be explained via the integration of the two micromodels Piaget used in succession to account for the child's transition from preoperational to operational thought: a cost-gain evaluation (Piaget, 1957), and the equilibration theory (Piaget, 1974). Thirty children of five-to-six years of age were first presented with four prosocial dilemmas, then assessed in their cost-perception/gain-construction competence within those prosocial dilemmas, and finally put in a contrived situation in which they have an opportunity to donate some of the goods they have received for their participation in the study. Results showed (1) that young children are more likely to interpret altruistic acts in terms of cost rather than gain, and (2) that young children's altruistic behaviour in the contrived situation was positively associated with their gain-construction competence. These results strengthen the theoretical perspective mentioned above, and seem to be heuristic in promoting children's prosocial development in the schools.